





TERESA VEIGA

# o senhor d'Além



---

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMXXI

© 2021, Teresa Veiga  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Palacete da Quinta dos Ulmeiros  
Alameda das Linhas de Torres, 152 – E. 10  
1750-149 Lisboa  
E-mail: [info@tintadachina.pt](mailto:info@tintadachina.pt)  
[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

Título: *O Senhor d'Além*  
Autora: Teresa Veiga  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Novembro de 2021

ISBN 978-989-671-646-2  
Depósito Legal n.º 489594/21

## 1.

No tempo em que o turismo de praia dava os primeiros passos e cada vez mais famílias aspiravam a ter uma casa à beira-mar, um homem, com alguma fortuna pessoal, foi nomeado notário do cartório notarial de Portimão e não tardou a aperceber-se de que caíra no meio de uma mina de ouro ainda quase desconhecida que teria todo o interesse em explorar. Não o movia apenas a paixão pelo dinheiro, embora desse muita importância às questões materiais. Primeiro deixara-se seduzir pela terra, pelas árvores, pelo azul do mar, pela leveza do ar e do céu. O contacto com aquela gente com fama de rude e pouco hospitaleira também se revelou extremamente fácil e, só vendo vantagens na sua nova vida, já não imaginava ser possível conceber a existência noutra lugar.

Geografia e clima, dizia deliciado, plagiando Sófocles a propósito da paisagem mediterrânica, tornavam o Algarve o local adequado aos mais inteligentes de entre os homens, deixando a dúvida sobre se exaltava a excelência da terra ou a sua própria finura de espírito, que extraía o melhor do que ela tinha para lhe dar. No seu caso provou-se que argúcia, discernimento e capacidade

para fazer bons negócios não lhe faltavam, sem deixar de ser um funcionário competente e tão zeloso a gerir os interesses e bens alheios como os próprios.

Aos sábados à tarde e aos domingos percorria no seu Citroën dois cavalos a costa algarvia de lés a lés à procura de casas velhas e terrenos baldios que pudesse adquirir a baixo custo e transaccionar com lucro, em locais que o seu instinto lhe dizia que iriam ter uma rápida valorização. Num desses dias resplandcentes, em que não há tempo para um minuto de tristeza entre o nascer e o pôr-do-sol e que se prestam a todos os caprichos, saiu da estrada e deixou-se levar por caminhos que desconhecia até ver uma casa que lhe produziu uma impressão tão forte que engoliu em seco e travou bruscamente sem ter plena consciência do que fazia.

A casa era um cubo de dois pisos pintado de um tom ocre, com a platibanda ornada de arabescos brancos de gesso e um mirante no terraço da cobertura envolto em cortinados brancos que, soltos das braçadeiras, flutuavam ao de leve num lascivo torpor. Rodeavam-na oito frondosas palmeiras de vassoura que em vez de a esconderem de olhares indiscretos sublinhavam o seu aspecto modesto mas altivo e vagamente exótico de pequena fortaleza, com as suas paredes nuas rasgadas de raras e estreitas janelas para se defender do sol ardente, do ar salino e da cobiça dos homens, a quem era permitido admirá-la mas que em vão a tentariam conquistar.

Ao longe, à distância de cerca de um quilómetro, avistava-se o mar imóvel ao fundo de um descampado plano e aberto como a palma da mão. Para cá da vegetação rasteira junto à linha do sapal apenas algumas figueiras e amendoeiras salpicavam o terreno à volta da casa, que não tinha vizinhos a confrontá-la de nenhum dos lados, como se tudo aquilo pertencesse a um único dono. O silêncio era tão profundo, à parte o grito ébrio de uma gaivota, que o notário tinha a sensação de ser o único ser vivo sobrevivente à face da Terra. Quando as palpitações do coração abrandaram e já era capaz de respirar livremente, quis convencer-se de que o silêncio espectral, as janelas fechadas e a corrente de ferro atada num nó lasso à volta do portão indiciavam que a casa estava desabitada, mas debalde procurou a placa a dizer «vende-se» que teria posto fim ao seu estado de ansiedade. Resolveu tirar algumas fotografias e, munido da Kodak de que nunca se separava, foi andando ao longo do muro que cercava a propriedade, congratulando-se por não ver sinais de presença humana até que, agarrando-se aos braços de uma figueira, se içou sobre o muro e caiu silenciosamente do outro lado. Estava num horto plantado com figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras, mas também com algumas laranjeiras e limoeiros que desenhavam no ar imóvel os ramos carregados com os seus prateados e dourados frutos. Contornou a casa passando sempre ao largo e quando ela se mostrou de frente, enquadrada na sua moldura de palmeiras, disparou várias vezes de

seguida com uma precipitação só explicável pelo estado de tensão em que se encontrava.

Tal como era de esperar, a fachada da casa obedecia à simplicidade geral das linhas do edifício, com a variante de um balcão enquadrado por duas colunas a meio do andar principal que, juntamente com o mirante de paredes ameadas, lhe dava a aparência de um alcázar mouresco. A porta estava fechada, as janelas também. No entanto, ao ver o pequeno jardim composto de vasos dos mais variados tamanhos e formas, que se distribuíam de forma irregular pelo chão arenoso e acolhiam uma multiplicidade de plantas e flores sem nenhum critério senão a lei do acaso, o notário percebeu que ali morava gente e aflorou-o a sensação de uma atmosfera de bem-estar e desleixo, própria de uma vida vivida em plenitude. De repente teve consciência de que não estava sozinho e ao virar instintivamente a cabeça viu uma mulher, recostada numa espreguiçadeira, que parecia dormir protegida do sol pela sombra de um muro.

Antes de conseguir esboçar um movimento ela abriu os olhos, iluminados por um súbito clarão que se desfez tão rapidamente como um relâmpago, fechou-os e, ao voltar a abri-los, endireitou-se lentamente olhando-o sem medo mas com natural perplexidade. Temendo o escândalo, o notário começou a explicar, com a voz embargada, que vira a casa de longe, enquadrada naquele cenário magnífico e, como andava à procura de uma casa e aquela lhe parecera desabitada, não resistira a vir



observá-la de perto. Porém, à medida que falava, o seu embaraço dissolvia-se rapidamente ao ver que a mulher aceitava como perfeitamente legítimas as suas explicações e até parecia sentir-se lisonjeada por a sua casa ter despertado a cobiça de um forasteiro de boa aparência, bem-educado e bem-falante.

Se o aspecto dele falava por si, o da mulher causava alguma perplexidade, por não obedecer a nenhum tipo facilmente identificável pelo notário, apesar de na sua pesquisa de casas à venda já ter tido contactos com gente de Olhão. Era alta, magra, de pele bronzeada mas não tanto como seria de esperar de quem vive em constante exposição ao sol, com uma cabeleira volumosa e um pouco frisada de um tom quente entre o ruivo e o castanho, que ao expandir-se para os lados beneficiava o seu rosto estreito de traços afilados em que o mais notável eram os olhos esverdeados abertos para o interlocutor com uma sinceridade desarmante. A estranheza continuava com a roupa que usava em pleno dia, na solidão da sua casa e em meio campestre — um vestido comprido e fluido de uma matéria que parecia seda, estampado com motivos florais de várias cores em que predominava o verde, cingido no busto e ondulando amplamente em volta das pernas — e adensava-se com os pormenores que ele ia descobrindo à medida que lhe percorria disfarçadamente o corpo com os olhos: pés de unhas esmaltadas mas sujos de terra tal como as sandálias gastas, uma espécie de ave-do-paraíso tatuada no pulso direito, uma pulseira

larga e fina de metal aderente ao pulso esquerdo, como se vê em tribos africanas. Em suma, se a casa era um objecto difícil de classificar, a mulher, que parecia a dona, não o era menos.

— É bonita, realmente — disse ela, envolvendo num olhar a casa como se estivesse a vê-la pela primeira vez pelos olhos de um estranho, — mas do que eu gosto mesmo é da terra, das árvores, da areia, dos pássaros, de respirar o ar e olhar à roda do alto do mirante. A casa, encontrei-a como está, cuido dela o melhor que posso, mas quando ele vai de viagem é como se estivesse vazia. Eu já devia saber o que era a vida de um marinheiro — continuou, como se prosseguissem uma conversa entre velhos conhecidos que a vida separou e voltou a unir, — mas não imaginava, não tinha bem consciência...

— Compreendo. É o destino de muitas mulheres de Olhão. Portanto, o seu marido é marinheiro?

— Marinheiro, pescador, negociante, corre-lhe nas veias o sangue dos antepassados que sempre viveram do mar e para o mar. O avô dele chegou a ser um homem rico, o pai tentou mas não conseguiu, o filho faz o que pode mas não tem tido muita sorte. Eu estou sempre a dizer-lhe: um pouco de ambição faz falta mas muita é perigoso e tem tudo para acabar mal. Não acha?

Enquanto conversavam ela ia-o conduzindo numa visita errante até aos limites da propriedade, com um ar tão alheado e ao mesmo tempo tão seguro de si que ele se sentiu um pouco diminuído pelos propósitos mer-

cantis da sua aventura e invejou a capacidade dela para desprezar os bens materiais e centrar a sua vida em alegrias e dores íntimas, o que só era possível por o mundo lhe passar ao largo, confinada como estava no seu éden privativo. Quanto a ele, percebia que não lhe iam servir para nada os dotes de oratória e a magia dos números e, apesar de ser difícil desviar os olhos do mar omnipresente, impossível de escamotear o seu longínquo murmurar e as etéreas nuvens brancas estirando-se como se lhes crescessem asas sobre o arco estendido do horizonte, esforçava-se por parecer despreocupado e atento aos outros elementos da paisagem, baixando-se para arrancar uma erva daninha, seguindo com o olhar um escaravelho ou polindo com as mãos uma maçã caída da árvore antes de lhe cravar os dentes.

O passeio terminou abruptamente quando ela se lembrou de que deixara a filha em casa a dormir a sesta e a criança já podia ter acordado e dado pela falta da mãe. Ele, para dizer alguma coisa, perguntou que idade tinha a criança e ela respondeu que tinha sete anos feitos poucos dias antes. «Que sorte para ela viver aqui, com tanto espaço para correr e brincar...», mas a mulher cortou-lhe a palavra, ofegante da marcha apressada: «Não é bem assim. A minha filha sai ao pai. Preferem a agitação da cidade, a gente, o barulho, a gritaria nas ruas e no porto de Olhão.»

Ele calou-se porque qualquer comentário lhe pareceu desapropriado e à aproximação da casa ensaiou uma

despedida cortês, mas ela convidou-o a entrar de uma forma tão peremptória que teria sido indelicado recusar. Entraram por uma porta lateral que abria para a cozinha e ela pediu-lhe que se sentasse enquanto ia ao quarto espreitar a filha e certificar-se de que continuava a dormir. Voltou pouco depois e perguntou-lhe o que queria comer e beber, mas ele recusou-se a beber outra coisa senão água, que, servida numa caneca de barro, lhe pareceu de uma suavidade e frescura insuperáveis, e comeu deliciado dois pêsegos, a sua fruta preferida e dos melhores que já tinha provado, disse, sem precisar de mentir. Sentia-se muito confortável na semi-obscuridade da cozinha depois do excesso de luz que feria os olhos lá fora, comodamente sentado numa cadeira de vime com uma almofada atada ao assento, que naquele momento lhe pareceu preferir às linhas modernas e ergonómicas das suas.

De facto, a cozinha, onde se destacava o poial com um grande fogão de ferro e o vasilhame antigo de ferro e cobre, conseguia ser bastante acolhedora, com a sua comprida mesa de madeira nodosa em cujas extremidades repousavam dois tabuleiros carregados de fruta, as cadeiras desirmanadas mas dotadas de almofadas estofadas e o aparador rústico de pinho que com o passar do tempo ganhara dignidade ao cobrir-se de uma patina cerosa.

Depois ela insistiu em mostrar-lhe o resto da casa e ele, habitualmente tão crítico de tudo, foi pródigo em

elogios, apesar de não ficar cego aos sinais de problemas latentes e a alguns defeitos de raiz. À semelhança da cozinha, a casa estava toda impecavelmente limpa e arranjada e de uma maneira geral conservava-se em bom estado, embora fossem visíveis nas paredes e nos tectos zonas pardacentas onde alastrava a humidade. O chão era de tijoleira de um tom rosado, os lambris revestidos de azulejos de imitação árabe, o mobiliário, de madeira escura e trabalhada, remetia para um tempo em que o transitório e o inútil não tinham lugar. Sobre algumas prateleiras e outras superfícies estáveis, velhas louças decorativas e bibelôs de feira de um gosto quase arcaico pareciam consignados ao espaço que ocupavam e a ninguém passaria pela cabeça substituí-los. Alguns quadros de paisagens, de cores esbatidas, certamente comprados em lojas de adelo e que pelo tamanho deviam ser considerados valiosos, dominavam as paredes em pontos estratégicos, e um enorme espelho salpicado de pequenas manchas negras combinava esplendor e decadência de uma maneira ambígua. Tudo o resto, os cortinados, os tapetes, os sofás cansados, acusavam uma velhice digna mas que parecia sobreviver por si própria, como se as mãos femininas que zelavam por eles se limitassem a cumprir o seu dever mecanicamente, pensou o notário, lembrando-se da pobreza da casa de infância e de como a mãe e a avó conseguiam criar uma ilusão de beleza com quase nada. A excepção era o quarto de casal, com os panos de seda multicolor que

cobriam a cama e pendiam da janela, as cestas com arranjos de flores e a profusão de velas semiardidas gotejando grossas pérolas nos seus castiçais de latão dourado, uma nota de requinte e sensualidade ao gosto oriental que parecia anacrónica naquela casa e se explicava por o marido fazer frequentes viagens a África nos barcos que mercadejavam entre Olhão e Marrocos. A referência às viagens do marido trouxe por arrasto a informação de que estava ausente há quase dois meses, mas um pressentimento ou o que se lhe queira chamar, que no seu caso nunca falhava, dizia-lhe que naquele dia ou no seguinte, o mais tardar dentro de três dias, o marido estaria a entrar em casa, ainda mais escuro e magro do que partira mas ansioso por partilhar com ela as alegrias do regresso. E, ao evocar esse momento, não resistiu a contar ao notário um segredo que mais ninguém sabia pois até ali só o tinha confiado ao vento: estava grávida, uma dádiva inesperada depois de anos de frustração, e só se espantava de a sua aparência ser a mesma e de o seu coração bater normalmente quando por dentro se sentia outra, infinitamente mais leve e mais forte, mais livre, mais audaciosa. Parecia ter-se esquecido de que estava diante de um estranho que admitira, com alguma imprudência, em sua casa, e ao dizer isto aproximou-se tanto dele que o notário recuou instintivamente e se inclinou um pouco, fosse por deformação profissional ou emoção genuína. (Mais tarde tentou reconstituir o que se passara e ficou na dúvida

sobre o que poderia ter acontecido se em lugar de fugir tivesse cedido à tentação de a apertar nos braços.)

A visita terminou com a subida ao mirante, flanqueado de quatro aberturas providas de cortinados que o protegiam do sol nos dias sufocantes, de onde a vista se espalhava por terra e mar até os contornos se perderem na distância. Para além dos comentários admirativos, o notário não resistiu a tentar identificar cada cerro, cada torre, cada laguna, cada aglomerado de casas brancas aninhadas na serra, guardando cada imagem o máximo de tempo na retina como se fosse possível apropriar-se mentalmente daquele lugar.

Despediram-se junto ao portão e ela ainda se voltou para um breve aceno que seria o seu adeus definitivo. Durante a viagem de regresso o notário não conseguiu deixar de pensar nas emoções daquela tarde e, durante muito tempo ainda, a mulher, que se chamava Célia, e a casa do mirante, onde escondia a sua felicidade, haveriam de ser uma lembrança recorrente antes de adormecer. No entanto, contra o que seria de esperar, a sua vida familiar e profissional não sofreu com isso; pelo contrário, a sensação de ter perdido ou de estar destinado a perder alguma coisa por culpa sua forneceu-lhe o impulso de que parecia estar à espera para a corrigir nalguns aspectos e redefinir o foco das suas ambições.

Os anos passaram, vagarosos ou rápidos conforme a percepção do momento, e o património do notário foi sempre crescendo graças aos seus dons visionários, que

o faziam aperceber-se das potencialidades de um lugar muito antes de este cair na mira do mercado turístico. No entanto, a satisfação que sentia ao concretizar um bom negócio era mitigada por uma crescente irritação quando, ao passar por estradas que conhecera ensombradas pela ramagem das árvores e cruzadas pelo voo rasante dos pássaros, via de um lado e do outro os hotéis e os loteamentos de apartamentos de luxo que a sua visão pragmática do futuro ajudara a construir, se bem que a sua indignação fosse mais dirigida contra os promotores de tais projectos megalómanos do que contra si próprio, que se limitara a tomar a dianteira de um movimento incontrolável. Já com cinquenta anos, o seu ritmo pouco abrandara mas perdera o carácter obsessivo. Gerir o que possuía com o máximo rendimento, efectuar uma transacção frutuosa, davam-lhe prazer, mas, mais do que o desejo do lucro, o que o movia agora era o espírito de aventura, a expectativa de encontrar algum diamante em bruto perdido em parte incerta, o equivalente a qualquer coisa como procurar tesouros escondidos nos templos abandonados das florestas do Camboja de onde consta que desapareceram há mais de duzentos anos. Vivia ainda no mesmo apartamento que comprara quando fixara residência em Lagoa, numa urbanização nova com vista de mar que na altura representava o que de melhor se construía na vila em termos de conforto e modernidade, e nos meses de Verão a família mudava-se para uma antiga casa típica no meio do campo, que fize-

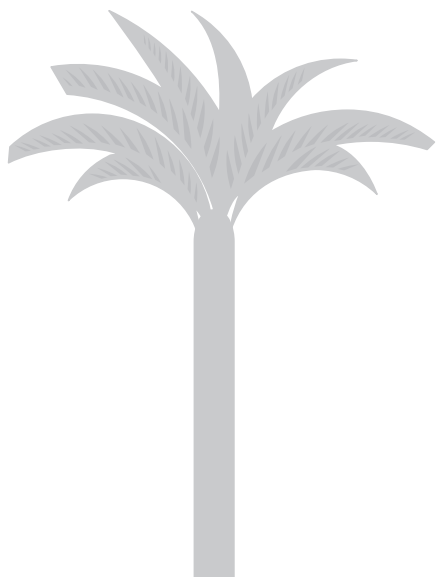


ra restaurar respeitando escrupulosamente os materiais de origem.

Aos amigos e conhecidos que se espantavam de ele nunca ter cedido à tentação de comprar nenhuma de tantas casas magníficas que vira desfilar diante dos olhos dizia que continuava à espera de uma revelação que tardava em chegar e desviava a conversa, sem nunca admitir nem para si próprio que a sua busca terminara na casa das palmeiras, que permanecia na sua memória numa espécie de limbo destinado ao que não se quer lembrar nem se pode apagar. Nunca mais tornara a vê-la por nenhuma razão concreta o ter feito voltar a passar ali, mas um dia em que se deslocou a Quelfes lembrou-se do desvio a poucos quilómetros, hesitou e no último instante decidiu o combate a seu favor, dizendo para si mesmo que tinha direito a um acto inútil e a arriscar um passo em falso como qualquer mortal.

Tal como da primeira vez avistou-a à distância mas quase simultaneamente foi acometido de uma impressão estranha, como se uma voz interior o advertisse de que não era a mesma casa que ia ver. De facto continuava a ser o cubo de dois pisos encimado pelo mirante no terraço da cobertura, mas as semelhanças acabavam aí. Parecia que tinha passado um século e não apenas nove anos desde que ali estivera, ou que um conjunto de catástrofes naturais se abatera sobre ela, precipitando-a no estado de decadência em que se encontrava. Já não tinha cor, à parte umas tiras esverdeadas por baixo das janelas,

e o mirante, parcialmente destruído, era um escárnio do que fora, como uma boca de dentes cariados num rosto outrora belo. Onde tinham ondulado as cortinas brancas viam-se agora farrapos de pano a desfazer-se. As oito palmeiras de vassoura, desplumadas, deixavam pender para a terra os ramos que restavam, cinzentos e enfezados como a velhice e a doença. O alto muro esventrado ruíra nalguns sítios, deixando montes de entulho em que os detritos se acumulavam numa mistura de vermelhos sanguíneos e amarelos sulfurosos. O portão de ferro tinha escamas de ferrugem, tal como a corrente a rastejar pelo chão que um pontapé teria separado do cadeado. Só o silêncio e a tranquilidade eram os mesmos, permitindo ouvir a respiração do mar ao longe, onde as nuvens se reflectiam numa superfície de azul e aço incandescente. Desta vez o notário não teve qualquer hesitação em invadir a propriedade alheia, se é que se pode falar de invasão a propósito de um território abandonado à sua sorte e em que tudo aponta para uma situação de calamidade. Foi andando pela terra seca, juncada de frutos apodrecidos bicados pelas aves, e ao chegar diante da casa mal teve tempo de se regozijar ao constatar que a fachada se mantinha miraculosamente ileso e o balcão mourisco também não sofrera danos, porque foi surpreendido pelo impacto visual de um elaborado jardim romântico, impossível de encaixar, a não ser como um delírio extravagante, na tradição e nos gostos da gente que tinha erigido a casa naquele lugar.





## NOTA BIOGRÁFICA

Teresa Veiga nasceu em Lisboa, onde reside. Licenciada em Direito e mais tarde em Filologia Românica, exerceu a actividade de professora, conservadora dos Registos Civil e Predial e notária, em diversas localidades do Alentejo e do Algarve, onde viveu durante largos anos. É autora de outros oito livros, entre volumes de contos, novelas e romances: *Jacobo e Outras Histórias* (1980), *O Último Amante* (1990), *História da Bela Fria* (1992), *A Paz Doméstica* (1999), *As Enganadas* (2003), *Uma Aventura Secreta do Marquês de Bradomín* (2008), *Gente Melancolicamente Louca* (2015) e *Cidade Infecta* (2020).



O SENHOR D'ALÉM  
foi composto em caracteres Hoefler Text  
e impresso pela Eigal, Indústria Gráfica,  
sobre papel Coral Book de 90 g,  
em Outubro de 2021.